

168



AMIGUINHOS! VÔ TIRÁ O PÉ DO LÔDO!

# EDITORIAL

Este número está saindo dentro do bimestre a que se refere, ou seja, consegui diminuir o atraso. Já a parte do Correio foge à minha alçada.

Os colaboradores, Henrique Magalhães, Luiz Cláudio Lopes Faria, Lio Guerra Bocorny, Alex Sampaio, Manoel Dama, Mário Labate, E. Figueiredo e Worney Almeida de Souza, estão presentes com HQs, cartuns, ilustrações, textos diversos, etc, além das cartas/artigos da seção 'Fórum'. Esta, aliás, está menor do que nas últimas edições, assim como a seção 'Edições Independentes', o que resultou numa edição com menos páginas. Mas ainda dentro do normal.

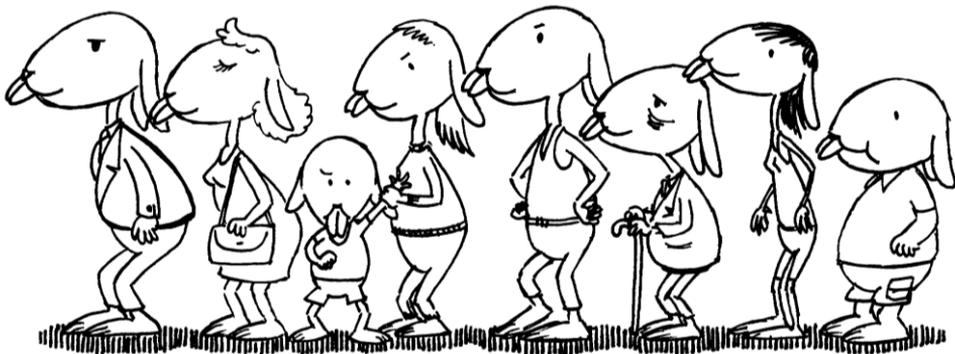
O encarte, o 14º número de 'Artigos sobre Histórias em Quadrinhos', é cortesia de Carlos Gonçalves. O prometido segundo número do encarte digital 'Brindes das Revistas da Ebal' ficará para o próximo número.

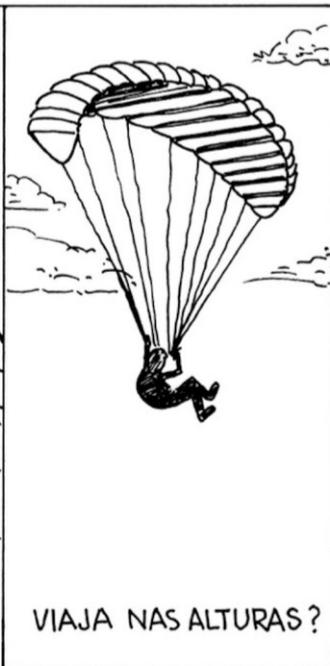
Boa leitura!

*EDGARD GUIMARÃES*

## QUADRINHOS INDEPENDENTES – Nº 168 – MARÇO/ABRIL DE 2021

Editor: Edgard Guimarães – edgard.faria.guimaraes@gmail.com  
Rua Capitão Gomes, 168 – Brazópolis – MG – 37530-000 – Fone: (35) 3641-1657 (à noite)  
Tiragem de 70 exemplares, impressão digital.





# CRIANÇA TEM CADA UMA!!



# NOIVO PERFEITO ???



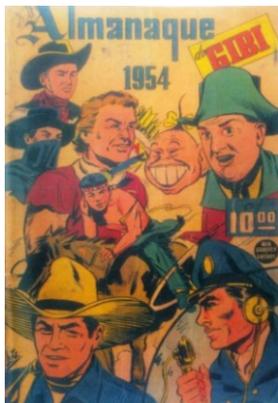
# BÊBADO APMONADO!



# ALMANAQUES DO GIBI ANOS 1950

Lio Guerra Bocorny

O primeiro apareceu no Natal de 1952, em capa dura, não tinha o tradicional calendário, mas apresentou, além dos quadrinhos, contos e variedades em texto em suas 168 páginas. Interessante que esse Almanaque constava como **Almanaque do Gibi e do Cavaleiro Negro**, mas esse personagem apareceu em apenas uma aventura muito curta, de apenas seis páginas.



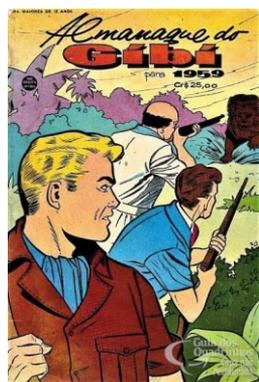
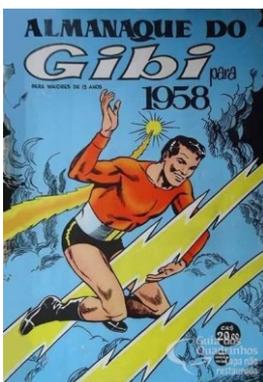
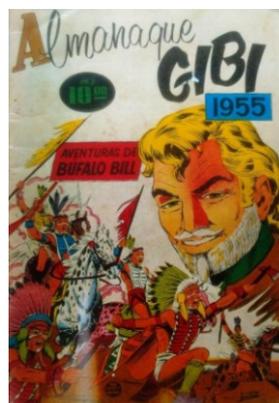
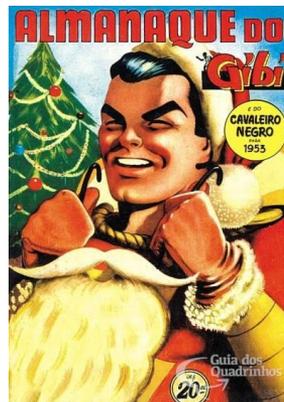
No ano seguinte apareceu uma nova versão com calendário, capa mole e 100 páginas, em compensação também com o preço reduzido para 10 cruzeiros, ou seja, a metade do de 1953.

Essa tradição do calendário e das 100 páginas se manteve até o final da década, nessa versão de 1954 e nos seguintes de 1955, 1956, 1957, 1958 e 1959. Os preços é que foram reajustados. A partir de 1956 para 15 cruzeiros se mantendo em 1957, aumentando para 20 cruzeiros em 1958 e 25 cruzeiros para 1959, última edição da década.

O interessante foi o fato de que os heróis de **Gibi**, à medida que ganhavam da editora revistas próprias, geralmente magazines, iam deixando de serem publicados nos Almanagues.

O Pequeno Polegar, o Falcão Negro, Terry e os Piratas e outros de menor importância, que não figuravam em revistas próprias, apareceram com mais frequência nesses sete anos de Almanagues.

As belas capas, em sua maioria ilustradas pelo mago Lutz, eram muito atrativas, o que fazia com que as edições se esgotassem mesmo antes dos Natais. Para apreciação dos leitores mais novos e recordação dos mais idosos, apresento todas as capas dessa nostálgica publicação nos anos 1950.



# GIBIS PERDIDOS NO TEMPO

## GIBI DO BLOCO BAFO DA ONÇA

Alex Sampaio

Em 2013, o bloco carnavalesco Bafo da Onça do Rio de Janeiro celebrou os seus 56 anos de história com uma revista em quadrinhos. O gibi circulou em uma única edição nessa data. Foi durante o desfile do bloco na avenida, onde aconteceu a distribuição de apenas três mil exemplares do gibi.

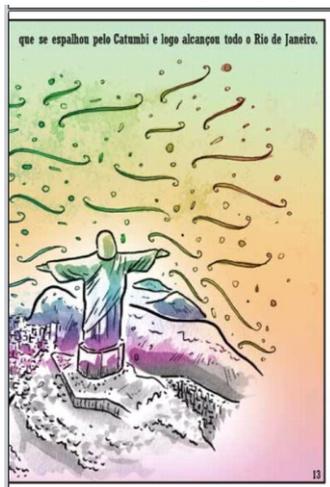
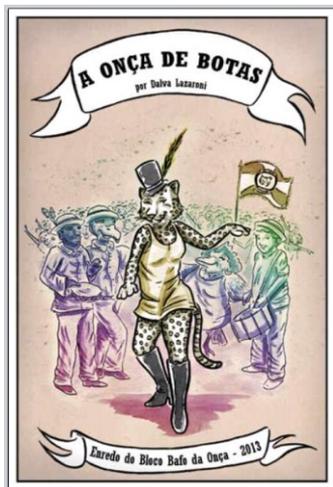
Na edição de 24 páginas, o bloco contou um pouco da sua trajetória de 56 anos de vida carnavalesca no formato de história em quadrinhos.

A concepção da revista usou também o conceito dos contos da literatura infantil. Foi concebida pela escritora Dalva Lazoni, diretora artística da agremiação.

Para a autora, que colocou em prática a ideia da revista, o roteiro teve a intenção de atrair as crianças, mas também o coração dos adultos, porque o carnaval é uma festa de família.

Para a Diretora do bloco, o gibi teve uma relação direta com a proposta da agremiação e ficará na memória da história do bloco.

Com seus três mil exemplares impressos, essa revista hoje é muito rara, pois muitas foram danificadas, já que suas edições foram distribuídas em pleno desfile de carnaval e muitas pessoas as descartaram nas ruas.



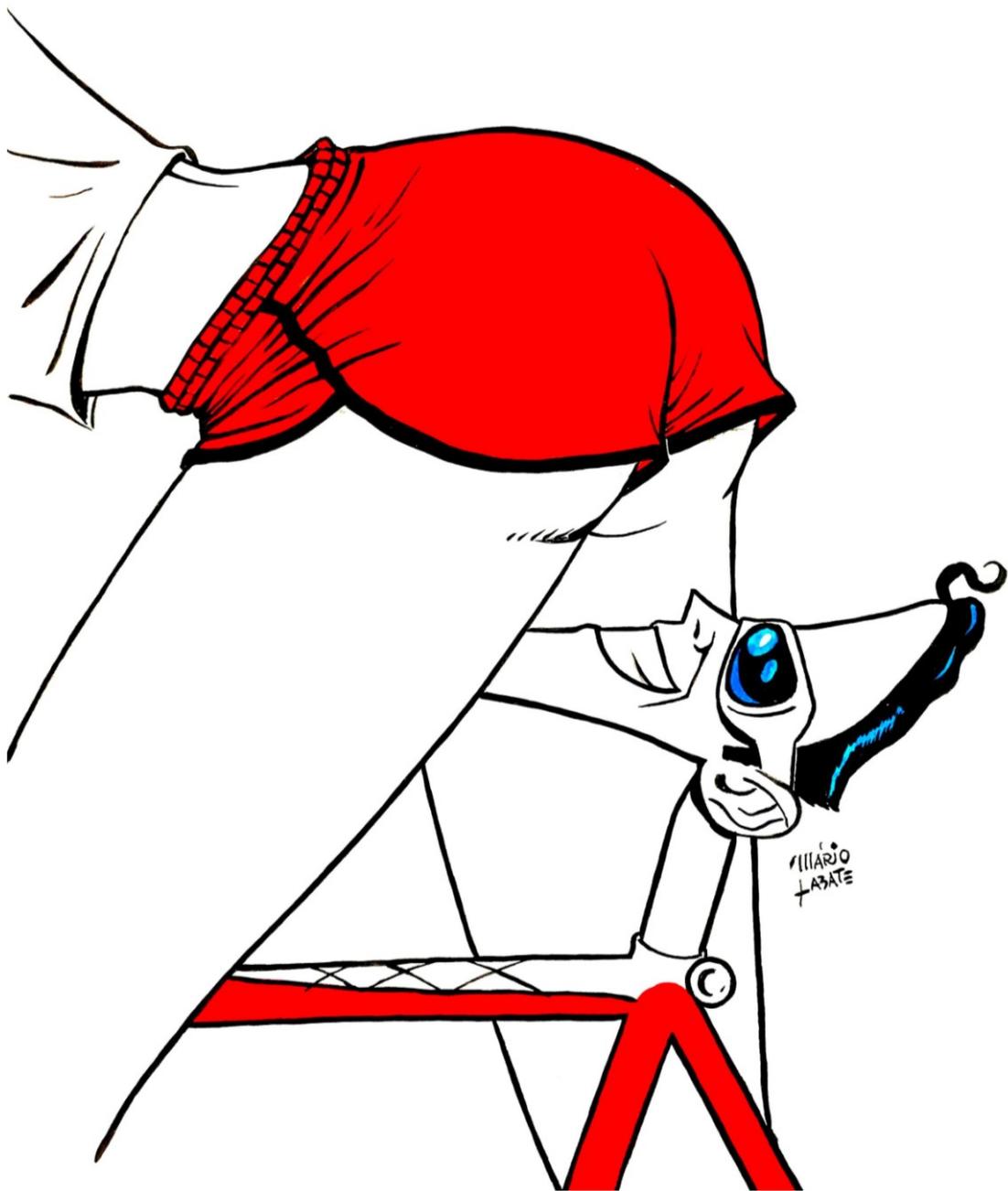
**O blog made in quadrinhos agora está no Instagram**

**Acessem —————> @madeinquadrinhos**

**Curtam muitas informações sobre o mundo das HQs. Matérias, dicas, novidades, curiosidades, lançamentos e muito mais!**



Colaborações de Manoel Dama.



# FÓRUM

---

**FRANCISCO FILARDI**  
intervalo.rj@gmail.com

---

Olha, desta vez meu pitaco será breve. Tenho acompanhado a interessante argumentação dos leitores do **QI** sobre os problemas com os Correios, já corriqueiros, aliás. A maior interrogação, no que tange a importações de certos produtos, creio, é que estes não demoram a entrar no Brasil. Chegam aqui via São Paulo e seguem para o Paraná, para serem (ou não) taxados. O problema é que há um “buraco negro” na Receita Federal paranaense, permanecendo a mercadoria à espera da boa vontade do “anjo da guarda” do fiscal (só a do anjo mesmo...)

Aqui no Rio de Janeiro, os Correios colocaram a maioria das ruas como “área com restrição de entrega domiciliar” (leia-se: área de risco). O resultado dessa sacanagem é que, além de não entregar as mercadorias no endereço do destinatário (para que serve o frete?), o sujeito ainda tem que se deslocar para algum centro de distribuição (muito longe de sua residência) a fim de retirar a encomenda. Detalhe: os Correios não encaminham o “Aviso de Chegada” e disponibilizam apenas sete dias para a retirada. Ou seja, se o cliente não proceder o rastreamento pelo site, babau! Santa sacanagem, Batman!

Segue mais um **Intervalo Especial**. Desta vez, com Promoção, que sempre foi uma característica da publicação. Se puder, dê uma força na divulgação. O período da inscrição será elástico.

*A Promoção deste “Intervalo Especial”, dedicado à série “Corrida Maluca”, é: Se a série ganhasse as telas de cinema, que atores você escolheria para dar vida às personagens?*

*Para participar, escolha 5 personagens de sua preferência na série “Corrida Maluca” e indique os atores (valem também os já falecidos) que poderiam interpretá-las.*

*A melhor sugestão será contemplada com o box original em DVD “Corrida Maluca” (série completa). Serão sorteados também 6 kits com 5 cartões com imagens de Marilyn Monroe.*

*Os contemplados serão divulgados oportunamente em edição de “Intervalo”.*

*Envie as sugestões para o email do Francisco Filardi, até o lançamento do terceiro volume da edição especial. Bons palpites e boa sorte aos participantes.*

---

**LUIZ CLÁUDIO LOPES FARIA**  
São José dos Campos – SP

---

Aqui em São Paulo estamos entrando na fase roxa da pandemia, muitos serviços considerados não essenciais irão fechar! Não sei em qual categoria os Correios se enquadram!

Por conta disso, estou enviando as tirinhas antecipadamente, gosto muito de colaborar com o **QI**.

Infelizmente nosso “desgoverno” não comprou a vacina ano passado, ao invés disso, preferia espalhar “fake news” e atacar a China, nosso maior parceiro comercial. Resultado: Não temos vacina!

---

**LIO G. BOCORNY**  
Florianópolis – SC

---

Chegamos na metade de março e não recebi até o momento o tão esperado **QI 167**. A passagem do carteiro aqui neste canto de praia é uma raridade, quando vem, traz consigo uma braçada de cartas, algumas até com 60 dias de atraso.

Para adiantar o expediente, já que vou dar uma fugida à cidade, o que hoje é arriscado, pois a pandemia está se alastrando e eu que no próximo arredondo os 80, sou considerado do grupo de alto risco. Mas nesse adiantamento já estou enviando minha colaboração ao nosso tão valioso fanzine, para que chegue a tempo de figurar no **QI 168**.

---

---

**HENRIQUE MAGALHÃES**  
João Pessoa – PB

---

A edição digital de seu livro **Fanzine** já teve 200 acessos. Já é um bom público, e vai crescer mais.

---

**JOSÉ RUY**  
Amadora – Portugal

---

Agora, sim, aqui vai o resultado da minha observação do **QI 166**, o último que recebi, por deferência sua.

Para além da minha interpretação de que na capa há uma rusga que se prolonga pela noite, a correção da data está resolvida com piada. Sempre inovando.

O conteúdo mantém a escolha criteriosa de colaboração, com as tiradas filosóficas da Maria, de Henrique Magalhães, a referência aos antigos Gibis “perdidos” e achados por Alex Sampaio, a notícia de outras ‘Edições Independentes’, que, como este fanzine, procura uma independência quando nos encontramos tão manietados por dependências várias.

O mundo de Maurício de Sousa vai nos surpreendendo, pois é um Mundo Mágico só possível de conseguir por um grande criador.

E o ‘Fórum’ aparece em força, onde tanto aprendo com as perguntas e respostas.

Mas há mais, os encartes, com assuntos bem escolhidos e de interesse, desta vez o **Sr. Brazil** e... **Cripta**, que de pequeno se torna grande ao dobrar, porque grande é o conteúdo; também a curiosa forma de o fechar, com mini clips em “ouro a imitar latão”, como diria o saudoso Tiotônio, diretor de **O Mosquito**, o jornal português.

É um número a deixar em nós o desejo de ver como irá surgir o próximo, que ideias novas nos vão surpreender e de que maneira vão sendo apresentadas. Parabéns!

---

**PAULO JOUBERT ALVES**  
C.P. 525 – AC São Benedito – Santa Luzia – MG – 33120-970

---

Recebi duas cartas suas apenas ontem. Minha problemas por mais de um mês sem receber carta simples em minha caixa postal. O funcionamento da agência tem estado estranho desde um incêndio em outubro último. Não me deram nenhuma explicação do motivo e me entregaram um pacote de quase 40 cartas simples que se acumularam desde algumas enviadas em janeiro.

Assim, aproveitando que a assinatura da caixa postal está para vencer, resolvi mudar de agência. Não tenho esperança de que os atrasos cessarão, mas ao menos aproveitei para locar uma caixa maior em uma agência mais próxima de casa. Encontrei um funcionário lá da outra agência. Foi transferido e informou que o incêndio foi acidental (um funcionário esqueceu o ventilador ligado, que superaqueceu).

Estão dizendo que a privatização sairá, mas é preciso investir em contratação de funcionários, já que não ocorre desde 2011.

---

**MÁRIO LABATE SANTIAGO**  
mariolabatearte@gmail.com

---

Recebi o **QI 167** ontem. Capa ótima! Como sempre! Muito bom ‘O Sorumbático’. Gosto muito do traço do Manoel Dama. ‘Maria’ do Henrique Magalhães é indispensável e deve estar em todas as edições.

Adorei o texto do E. Figueiredo e fiquei pensando no assunto. Já me perguntaram em uma mesa de bar quais os dez discos que levaria para uma ilha deserta. Sempre questionei onde iria ligar a vitrola. A alternativa de levar papel e caneta é muito boa. Eu provavelmente faria o mesmo, só que faria uma HQ.

Sensacional o texto do Rod Tigre! Fiquei extremamente interessado na revista do Pele de Cobra. Uma pena saber que perdemos mais dois grandes autores de quadrinhos... O mundo está ficando sem graça... Estamos perdendo nossos heróis...

---

Acabei de ver anunciado na Amazon tupiniquim um álbum de Dan Brand (Frank Frazetta) em cores e em português. Você sabe alguma coisa a respeito?

*Eu vi o anúncio desse Dan Brand mas não prestei muita atenção, pois é um material que eu acho meio fraco, mesmo com desenhos de Frazetta. Agora, dando uma olhada na resenha, segundo a editora, esse trabalho de Frazetta é a coisa mais maravilhosa já feita pelo ser humano. Não é a lembrança que eu tenho. Esse material saiu no Brasil pela Ebal. Eu não tenho essas revistas, mas o Anibal Cassal fez um álbum compilando essas páginas. A história me pareceu meio banal.*

‘Dan Brand and Tipi’, também com o título de ‘White Indian’ quando foi reprisado, era uma história que completava a revista **The Durango Kid**. Frazetta desenhou esse material do nº 1 ao 16. No Brasil, a Ebal publicou Daniel Brand e Condor Altivo (este era o título aqui) na revista **Capitão Z**. Se não me falha a memória, foi também do nº 1 ao 16. Depois saíram outras histórias, mas desenhadas por Fred Meagher e Frank Bolle. Como a revista aqui tinha um formato diferente (deitada), provavelmente os desenhos foram bastante adulterados pela Ebal. Creio que ‘Dan Brand’ também tenha sido publicado (reprises de Frazetta) pela Rio Gráfica, que adquiriu algumas histórias quando estas foram reeditadas nos Estados Unidos como ‘White Indian’.

As histórias, em minha opinião, não foram tão banais como você diz. Por outro lado, nada de extraordinário como está no comentário da Amazon. Quando essas histórias foram originalmente publicadas, era a época em que o gênero faroeste dominava uma boa parte dos comics americanos. ‘Dan Brand and Tipi’ era uma espécie de pré-western, época colonial, anterior àquela da conquista do Oeste americano. Talvez aí esteja a sua originalidade, não esquecendo, certamente, os desenhos do ainda jovem Frazetta.

A fama, a grande glória de Frank Frazetta reside mais em suas ilustrações. Nos quadrinhos, o desenhista teve seus melhores momentos em histórias sem personagens fixos. Não foi nada feliz quando se fixava num único personagem. Tentou ‘Johnny Comet’ para tiras. Fracassou. Desenhou uma bobagem para a DC chamada ‘The Shining Knight’ (foi publicado aqui pela Ebal em **Superman**). Bonitos desenhos, mas um herói quase ridículo. ‘Dan Brand and Tipi’ talvez tenha sido o seu melhor trabalho com um personagem em continuação. Em minha opinião, o grande talento que Frazetta poderia ter desenvolvido nas histórias em quadrinhos perdeu-se quando ele o emprestou como ‘ghost’ de outros desenhistas, entre eles Dan Barry, por um breve momento, mas nos fazendo as páginas dominicais de ‘Li’l Abner’ anonimamente para Al Capp. Foi um belo trabalho, não vou questionar, mas o desperdício de um estilo próprio.

Eu coloquei 6 histórias de ‘Dan Brand’, no original inglês, nos números 6 e 7 da **Gazeta dos Quadrinhos Especial**.

*Bom seu comentário sobre o trabalho de Frazetta nos quadrinhos. Por coincidência, nessas dias eu estava organizando meus fanzines e achei os dois números de “Gazeta dos Quadrinhos Especial” com “Dan Brand”. Achei também o álbum do Cassal com todos os 16 capítulos publicados em “Capitão Z”. Embora a Ebal tenha publicado as páginas deitadas a partir do original vertical, por incrível que pareça, não há sinais evidentes de adulterações nos quadros. Nada remotamente parecido com aquelas “completações” que a RGE fazia.*

*Aproveitei e li algumas histórias. Concordo que o tema é não usual em quadrinhos. Tirando Daniel Boone e Davy Crockett, são poucas as séries passadas nesse período colonial. Foi uma boa ideia colocar um personagem na época pré-revolucionária, numa situação original, angariando fundos e voluntários para ajuda na linha de frente na guerra contra os ingleses.*

(Envie) xérox do original de uma página de um roteiro de Lee Falk (em ‘The Phantom’) mais a página já desenhada (por Barry). Curioso ver a forma simples de Falk na elaboração dos roteiros. E o perfeito ‘ajuste’ entre ele e Barry.



*Você tem acompanhado os lançamentos das editoras americanas? Pelo que tenho visto, está bastante parado. Acho que a IDW parou de vez. A Hermes continua com o ‘Fantasma’ e ‘Johnny Hazard’. Mas vi que saiu o quinto volume de ‘Cisco Kid’, então a Classic Comics parece que ainda não jogou a toalha. A Fantagraphics está mantendo o ‘Prince Valiant’, a coleção do Barks e os volumes da EC Library. E a Dark Horse está prometendo mais Archives EC para este ano, praticamente completando os principais títulos e anunciando os títulos finais e alguns anteriores à grande fase da EC. Você tem notícias de novidades nessa área de quadrinhos clássicos?*

Você descreveu muito bem o atual panorama editorial americano de quadrinhos clássicos. A IDW não parou, como você disse, pelo menos por enquanto. **Steve Canyon** e **Dick Tracy** ainda estão vivos, embora em passos de tartaruga. A coleção de Dick Tracy eu parei a partir da fase em que ele vai para a Lua. **Johnny Hazard**, **The Phantom** (ambos da Hermes) e **Prince Valiant** continuo comprando na Amazon brasileira. **The Cisco Kid** vol. 5 não está à venda pela Amazon tupiniquim. A Amazon americana manda para cá, mas com o porte de US\$ 14.24 tudo ficará em mais de 40 dólares. Estou esperando o volume 2 de **Rusty Riley**, que a Classic Comics está prometendo para breve (será?), para então pedir tudo junto. Talvez economize um pouco na postagem. Enfim, como você mesmo disse, esse mercado editorial anda bastante parado nos Estados Unidos. Não acredito que seja devido à pandemia, é falta de leitores/compradores mesmo. Mas com certeza a Covid-19 também tenha levado embora algum deles. Barks e o material da EC ainda me parecem firmes. No entanto, não consigo ver possibilidade para nenhuma novidade em matéria de reedição de quadrinhos clássicos. O jeito é ficar na torcida para que um dia alguma surpresa apareça.

*Eu havia me esquecido do “Steve Canyon” da IDW. Mas o “Dick Tracy” foi encerrado no volume 29 que traz as últimas histórias de Chester Gould. A IDW não vai continuar com o material de Max Collins. A Fantagraphics também continua com o “Pogo” e depois de muito tempo lançou mais um volume de “Barnaby”. Mas outra que também tirou o time de campo é a Titan, não tem lançado mais nada há algum tempo.*

*Na contramão, aqui no Brasil há um fenômeno estranho. Várias editoras pequenas estão lançando álbuns com material argentino (Oesterheld, Breccia, Solano Lopes, Pratt), coisa muito boa, mas que eu já tenho quase tudo. Durante um tempo mantive intercâmbio com um colecionador argentino e outro uruguaio e consegui com eles a maioria dessas edições. Mas para quem não tem as edições argentinas, esses lançamentos no Brasil são uma boa opção, embora os preços não sejam amigáveis.*

Como lhe havia dito, parei de comprar **Dick Tracy** a partir do volume 21, quando inicia a fase lunar dele. Assim, não havia percebido que a série tinha sido encerrada com o volume 29. Dessa fase de Max Collins, nós temos muitas histórias espalhadas por várias edições. Tudo indica que a Titan Books realmente jogou a toalha. Pelo menos em reedições de material clássico.

Já vi algumas dessas edições brasileiras com material argentino. Esse material é muito bom e as edições são também de primeira linha. Será que um dia lançarão o western ‘Randall’ de Arturo del Castillo?

*Aproveito para tirar uma dúvida com você. Como é essa questão de nomes das aventuras nas séries de tiras diárias e páginas dominicais? Em 'Johnny Hazard', por exemplo, o autor colocava o nome da aventura na primeira tira de cada sequência. Mas acho que isso não é o comum. No entanto, vários livros de coletâneas lançados nos últimos anos colocam os nomes das várias aventuras, como em 'The Phantom', 'Flash Gordon', 'Mandrake', etc. De onde tiraram esses nomes, quando não vêm especificados na própria tira? Por outro lado, outros livros como os de 'Steve Canyon', 'Dick Tracy', 'Li'l Abner' não se deram a esse trabalho, colocaram as tiras ou páginas todas em seguida, sem indicar os inícios e fins das aventuras. Será que o syndicate nomeava as histórias na hora de vender aos jornais? Ou em seus catálogos? Ou a maioria foi mesmo chutação dos editores quando publicaram em revistas?*

A minha experiência diz que os "syndicates" não criavam os títulos. Eles eram de autoria dos escritores e desenhistas. 'The Phantom', 'Mandrake', 'Johnny Hazard' sempre foram assim. No último quadrinho do episódio que terminava estava o título do próximo a começar, ou então apenas um "next week, new adventure", quando então já aparecia o título. 'Inspector Wade' também sempre trouxe títulos. 'The Lone Ranger' também costumava dar nomes aos episódios. Paul Norris também fazia isso em 'Brick Bradford'. E havia alguns outros casos. A maioria, no entanto, não trazia títulos. As tiras diárias inglesas, como você sabe, quase sempre davam nome aos episódios. Algumas vezes, talvez por esquecimento ou negligência dos escritores, as histórias ficavam anônimas.

Os "syndicates" americanos, acredito eu, arquivavam as tiras e páginas dominicais por episódios completos, mas usando as datas de início e término. Isso para distribuição posterior aos jornais estrangeiros e para publicação em revistas. A distribuição para jornais americanos era feita semanalmente (ou de quinze em quinze dias). Era um sistema automático. Para os "syndicates" pouco ou nada importava se era o final ou começo de um episódio. Em muitas publicações são os editores que inventam os títulos. Em alguns casos esses títulos são bem sugestivos, mas em outros parecem ridículos, o caso da série 'Rip Kirby' da IDW, que seria melhor deixar tudo anônimo.

**FÁBIO DA SILVA BARBOSA**  
fsb1975@yahoo.com.br

Livros à venda:

**Linhas Indigestas** – poesia – Fábio da Silva Barbosa.

**Poesia Podre** – poesia – Fábio da Silva Barbosa, Alexandre Chakal e Diego El Khouri.

**Futuro Cemitério** – ficção científica distópica – Fábio da Silva Barbosa.

**Cavidade** – poesia e prosa – Alexandre Mendes.

Preço de cada livro: R\$ 30,00 + correio.

Na compra de mais de um exemplar ou título leva grátis o zine **Reboco Caído** e brindes que estiverem disponíveis.



**QUIOF THRUL**  
quioft@gmail.com

Que interessante essa HQ 'Kosmon, o Rei do Espaço Cômico', também nunca ouvi falar desse autor, talvez assinasse com outro nome quando trabalhou aqui, é mais um mistério do colecionismo.

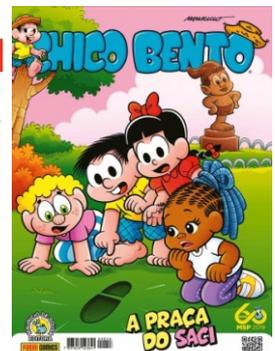
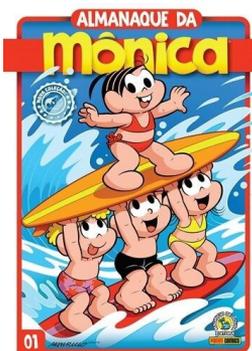
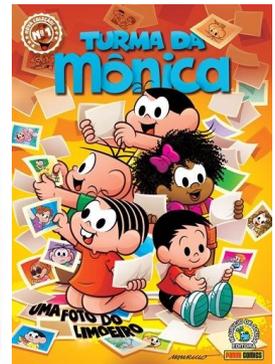
Já vi a primeira capa de **Leão Marinho** pelo Antonio Euzébio, mas não a outra.

A Hachette, editora que é dona da Salvat, testou uma coleção lá no mercado franco-belga, **Aldebaran & les Mondes de Leo**.

*O trabalho de Leo é muito bom e bastante vasto. A Panini começou a publicar "Aldebaran" no Brasil mas não deu continuidade. Para acompanhar esse trabalho tive que recorrer à editora inglesa Cinebook, que tem publicado quase tudo, exceto, até o momento, o ciclo 'Amazonie'.*



O Surfista Prateado já foi chamado de "Vagabundo Espacial" na Bloch.



Coincidentemente, o Worney falou da Milena na Turma da Mônica. Agora em março, a Panini zerou mais uma vez a numeração da Turma da Mônica, republicando tiras clássicas e páginas de passatempos, e agora custam R\$ 7,90 com 80 páginas, talvez um reflexo da escassez de papel que mencionei anteriormente.

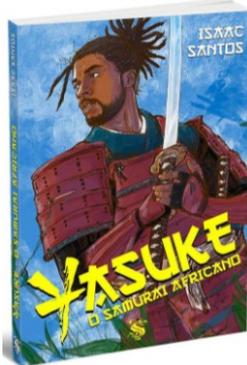
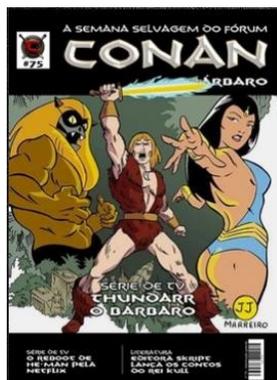
Também teve uma mudança nos almanaques, que custam R\$ 9,90 com 100 páginas, todas essas novas revistas são com lombada grampeada. A Panini começou a publicar em 2007, em 2015, zerou. Foi quando começaram a dar créditos nas revistas mensais, na época só algumas, hoje são todas.

Em janeiro do ano passado, também lançaram uma menina negra em **Chico Bento** nº 57. O nome dela é Tábata, que aparece na capa da edição 58. O Nobu Chinen tem uma extensa pesquisa sobre os personagens negros no quadrinho brasileiro.

Quanto a Milena, ao que parece, ela é uma personagem que foi concebida há alguns anos. Em 2011, foi divulgado que haveria uma turminha baiana, segundo matéria do G1, 'Maurício de Sousa anuncia família baiana para a Turma da Mônica' (7/10/2011). Eles ainda não tinham nome.



A convite, mandei alguns textos pro zine digital **A Semana Selvagem do Fórum Conan** no site [www.conanobarbaro.com](http://www.conanobarbaro.com). A revista fala não só de Conan e obras de Robert E. Howard, mas de assuntos relacionados. O Franco de Rosa e o Roberto de Castro da editora Universo Fantástico fizeram uma *live* sobre o relançamento do Zamor no canal do portal. Publiquei na edição 72 um texto sobre a literatura que inspirou o criador do RPG **Dungeons and Dragons**. Na edição 75, adaptei um texto sobre o Thundarr do meu blog; a capa é uma fanarte do J.J. Marreiro.

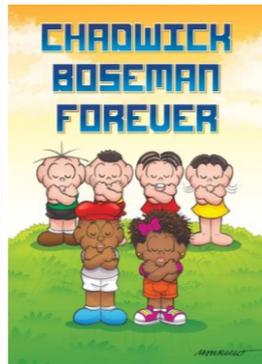


A editora Skript lançou uma campanha no Catarse para financiar a HQ 'Yasuke, o Samurai Africano' de Isaac Santos. Yasuke foi um samurai africano que serviu ao daimyo Oda Nobunaga no século XVI.

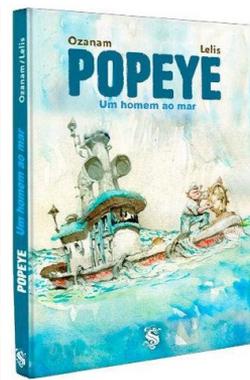
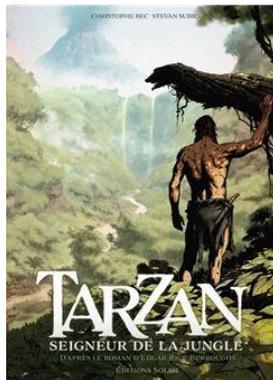
Coincidentemente, foi anunciada uma série animada na Netflix, que estreia em 29 de abril, e até mesmo um projeto de um filme, que seria interpretado pelo ator Chadwick Boseman, ator que interpretou o Pantera Negra que faleceu em agosto passado.

Aproveitando, posto uma homenagem ao ator pelos personagens da Turma da Mônica.

Tinha percebido que você não coloca links, depois percebi que os links ficam poluídos no impresso e acabam aumentando o texto.



Coincidentemente, depois de falar sobre as histórias do Edgar Rice Burroughs em domínio público, já tem uma adaptação europeia. A editora francesa Soleil acaba de publicar uma adaptação de Tarzan por Christophe Bec (roteiro) e Stevan Subic (desenhos). A dupla também adaptou **Conan le Cimmérien – Xuthal la Crépusculaire**, adaptação do conto 'The Slithering Shadow'. Será lançado em junho pela Glénat. Aqui no Brasil, temos ainda questões de marcas, tem uma marca para revistas e periódicos, mas para livros, não achei nada. Lá nos Estados Unidos, por estar em domínio público segundo a lei americana, a editora Dynamite lançou Tarzan com o título **Lord of the Jungle** e John Carter como **Warlord of Mars**. Na época, a licença estava com a Dark Horse. A Edgar Rice Burroughs, Inc., que tem as marcas, ameaçou judicialmente a editora, acabaram fazendo um acordo de licenciamento. Falando nisso, a Skript também lançou uma campanha de financiamento bem sucedida do Popeye por Antoine Ozanam (roteiro) e Marcelo Lélis (desenhos).



DENILSON ROSA DOS REIS  
[tchedenilson@gmail.com](mailto:tchedenilson@gmail.com)

O QI 167 ainda não chegou. Nesse momento, minha cidade com mais de 200 mil habitantes está com apenas 10 carteiros. Estão entregando basicamente cartas e encomendas com registros. Também não me foi autorizado buscar direto na central de distribuição. Vamos aguardar que deve estar parado na central e qualquer hora eles vão entregar. Aqui, seguimos fazendo zines que é minha paixão.

E. FIGUEIREDO  
 São Paulo – SP

Em mãos sua correspondência contendo o QI 167 e o suplemento. Grato! Igualmente agradeço a inserção da minha crônica 'Um Livro no Deserto!' Gostei do artigo do confrade Lio Bocorny, 'Almanaques Gráfica Vida Doméstica'. Seguem alguns recortes sobre Quadrinhos e meu conto 'Ahn!...' para sua apreciação!

Meu **GaZine** em que explico as máscarazines no Youtube: **GaZine em Máscarazines**. Explicação da Máscarazine: Ela vem a partir da ideia da 1ª versão em que a usei como uma forma de trazer um diferencial aos vídeos e que tenha a ver com fanzines (já que usei uma máscara de proteção, mas na testa, retrabalhada e com minizines nela). Funciona como uma máscara “paratópica” (em paralelo ao que ela se situaria, no caso, em vez de ser para super-herói e/ou pandemia, aqui, para ilustrar os fanzines e o canal **GaZine**). Mas ela também serviria como adjuvante de meu processo de desenvolvimento: venho da leitura e visualização de gibis/desenhos animados com personagens, heróis, etc. e daí a máscara representa isso também (inclusive vim a usar uma máscara criada para defesa de dissertação de meu mestrado, simulando um personagem *sui generis* de HQ ao vivo). A nova máscara segue esta mesma premissa, mas foi projetada/desenhada por mim, tendo a parte superior (da testa) simulando a carapaça da cabeça de um Triceratops e a parte inferior lembrando algum personagem do panteão dos super-heróis (mas mantive nela a inserção/colagem de alguns minizines também). Mas esta foi manufaturada pelo Luiz Fers, com um protótipo, e a modelagem final ficará talvez para a mesma, ou talvez uma outra que também estou rejeitando.

Vale a pena assistirem ao filme **Moxie – Quando as Garotas Vão à Luta**. Foi lançado no início de 2021 no canal Netflix e traz em pauta uma questão atinente à juventude, mas nem por isso de somenos importância, que é a causa feminista, no caso, enfocando garotas do ensino médio norte-americano, e a problemática do patriarcado, racismo, misoginia, incluindo assédio e até estupro, sem mencionar perseguições às minorias. O filme se baseia no livro homônimo de Jennifer Mathieu lançado originalmente em 2015, que reintroduz em **Moxie** (que se traduz por confiança e determinação) o movimento feminista-punk noventista *Riot Grrrl*, representado no filme anteriormente pela mãe da protagonista atual, ao descobrir que ela guardava fanzines da época de sua mãe quando era jovem. A partir de então, a personagem principal resolve encarar as problemáticas da juventude contemporânea feminina elaborando o zine **Moxie** que espalha na escola, de forma anônima! O filme, assim, a partir do livro, traz a importância que tem um veículo de comunicação – no caso, o paratópico fanzine nomeado **Moxie** – como parte coadjuvante importante e libelo de afronta e resistência (e disseminação de conteúdo e informação!) Eu vi e gostei, serve como aviso e “força” às garotas da atualidade! E traz em pauta a importância seminal dos fanzines, mais redivivos que nunca!

---

CARLOS GONÇALVES  
Lisboa – Portugal

---

*Comentei com Carlos o artigo ‘As Mulheres da Selva’, que saiu tudo colorido no “Boletim do Clube Português de Banda Desenhada”.*

Pois é verdade, é uma pena o seu **QI** não ter cor... Nós fazemos 80 exemplares por número com cerca de 60 páginas e custa 400 euros. Quanto custaria o seu?

*Já faz algum tempo que eu não sei o que é Gráfica. Depois de um aumento abusivo do preço na Gráfica que usei por décadas, e não tendo achado outra com preço melhor, decidi eu mesmo imprimir o “QI” em minha impressora laser. Então, para um “QI” colorido, eu teria que comprar uma impressora laser colorida. Já cogitei, mas ainda não entrou nos planos.*

---

WORNEY ALMEIDA DE SOUZA  
São Paulo – SP

---

Estou com uma lojinha da Amazon e toda semana tenho que ir no correio para despachar revistas. Li a mensagem do Rod Tigre no mais recente **QI** e ele pediu algumas HQs de super-heróis nacionais, eu devo ter tudo o que ele pediu. Já envie as imagens do Drago do Dag Lemos. Também informei sobre a edição dos X-Men do Gedeone que eu publiquei. Vou procurar os outros.

*Muito boa sua análise a partir de meu romance “Rolando Duque”, indo além dos quadrinhos e também abordando outros trabalhos meus. Fiquei muito contente com a leitura de sua análise, tanto que a reproduzi inteira no nº 167 do “QI”. Acho que será de muito proveito para os demais leitores que se interessam por Quadrinhos e artes em geral. E se dispõem a pensar no assunto.*

*Não sei se você tem acompanhado o “QI” no sítio Marca de Fantasia. Todos os números que saem estão sendo colocados lá à disposição. E os números anteriores já estão lá desde o nº 41, e continuando em ordem decrescente.*

*Quanto ao “Mundo Feliz”, não sei se o sítio Marca de Fantasia ainda tem exemplares à venda.*

Fico honrado em saber que a análise que fiz a partir da sua excelente obra **Rolando Duque – Assistência Técnica** mereceu o seu reconhecimento a ponto de ser publicada na íntegra do nº 167 do **QI**. Fico muito lisonjeado com isso.

Cabe aqui, então, um adendo àquela minha “análise técnica”, posto que o próprio título deixou claro que a proposta não era discorrer sobre o conteúdo narrativo de **Rolando Duque – Assistência Técnica**, mas sim tornar evidente os méritos da obra a partir de toda a contextualização que apontei – e cuja relação me pareceu inevitável deixar de associar.

O objetivo foi empreender um comparativo entre o processo criativo implícito naquela HQ e algumas visões já consolidadas que se verificam em outras manifestações de arte, mostrando assim, através daquelas implicações envolvidas, que a HQ **Rolando Duque** não tem como ser desprestigiada simplesmente com base em alegações subjetivas – as quais assinalam MUITO MAIS as falhas de percepção dos eventuais detratores da obra, posto não haver NADA naquele romance gráfico passível de ser considerado um trabalho inferior.

Ao contrário, tentei assinalar os motivos pelos quais aquela HQ possui um grande valor objetivo próprio, o qual pode ir acrescentar-se ao valor imediatamente presente na sofisticação do enredo, combinado com a sofisticação dos argumentos e a qualidade dos desenhos que constituem a HQ; e isso ficou demonstrado exatamente através de uma fundamentação igualmente objetiva.

A análise, na verdade, não deixou de constituir-se também como uma crítica ao “mau leitor” e às conclusões a que eles costumam chegar em função muitas vezes de suas próprias deficiências – e apontei sutilmente essas deficiências estruturais no que concerne à capacidade de percepção, tanto no aspecto intelectual quanto no emocional.

Portanto, como “mau leitor” entenda-se aqueles indivíduos que, ao longo da vida, desenvolveram um arcabouço cognitivo em que acabou lhes faltando as devidas facultades de percepção, além de certas sensibilidade estéticas em um nível mais elevado. Fato este que, em sentido oposto, acaba induzindo essas mesmas pessoas a se deslumbrarem exatamente por muita coisa que não possui quase nenhum valor intrínseco.

Consequentemente, SEM essas falhas consolidadas na “estrutura interpretativa” de determinados indivíduos, percebe-se que, no final das contas, o mérito de **Rolando Duque** pode ser facilmente verificado por qualquer um que simplesmente se disponha a LER aquela obra.

E, sim, acompanho com regularidade as postagens do **QI** em PDF, assim como os respectivos encartes – algo que preenche uma gigantesca lacuna para todos aqueles que, assim como eu, não tiveram a oportunidade de acompanhar este seu prestigiado trabalho desde o início.

Dei uma conferida no Marca de Fantasia e encontrei o **Mundo Feliz** à venda por lá. Irei adquirir esta que é uma das poucas obras de sua autoria que ainda não conheço.

No mais, deixo-lhe um grande abraço e os meus sinceros votos de muita paz, saúde e prosperidade!

Agradeço ao amigo Edgard por mais uma edição caprichada do **QI** e por me enviar as imagens do Drago, do Mestre Dag Lemos que eu pedi na última edição. Agradeço também ao Worney, que também me enviou a HQ do Drago e a do Raio Negro com Unus. Aliás, que HQ top! Muito obrigado, amigos, precisando, vocês também podem contar! Deixo um alô pro Mestre Shima, pro José Magnago, pro Carlos Gonçalves e um salve também pro Alex Sampaio, pro Gratão e pro Mestre Emir. HQ do Lincoln Nery com Pedro Lucas, bacana, podia se tornar fixo! O Worney perguntou sobre o livro do Capitão 7 que escrevi, citado no nº 167. Estou disponibilizando 17 livros escritos por mim no blogue rodtigremania.blogspot.com, é de graça! Até recebi propostas de publicação, mas não podia falar disso ou daquilo, tal e tal personagens não interessavam pros editores, e eu não vou mutilar minha obra, meu trabalho é PARCIAL! Eu escolhi um lado, o lado da HQ NACIONAL, e levo isso, na minha pesquisa que durou 15 anos, às últimas consequências!

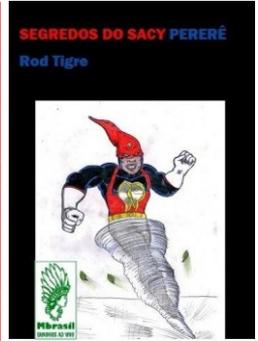
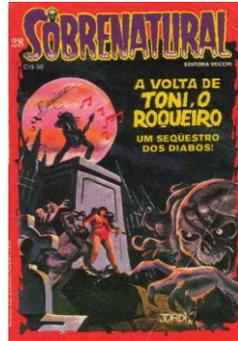
Encontrei uma curiosa capa da revista **Invictus** nº 49 da Ebal, traz o Colonnese desenhando Batman e Robin, e um design do batmóvel que me lembra o de brinquedo que era fabricado pela Gulliver. Eu não sei se existia um modelo assim lá fora, mas não é de espantar se for um tipo de propaganda. Ou o Colonnese só se inspirou no brinquedo para fazer a capa, pode ser também.



Estou mandando pros leitores do **QI** uma arte exclusiva do Doy Jorge que eu recebi do finado Padrinho Glauco do Santo Daime, quando eu era apenas um adolescente rebelde. Continuo sendo, mas aquele tempo eu ainda tava começando...



O Doy Jorge é um dos personagens mais rock'n'roll dos quadrinhos nacionais, junto com o Golden Guitar e o Toni, Roqueiro Infernal. Eu também nunca me esqueço do Nosferatu, o vampiro roqueiro do Menezes, que apareceu em **Histórias Reais de Drácula Nova Série** nº 1 da Bloch. Aliás, esse gibi é inesquecível, eu li quando criança e ele realmente me apavorava!



Mas, por incrível que pareça, o Doy não é o personagem mais drogado da HQ nacional. Na Turma da Mônica tem um que vence ele, o Zélio, que só apareceu uma vez num gibi "contra as drogas". O Zélio tenta dar maconha pro Cebolinha (que tem cabelo que lembra a folha da Cannabis), Cascão (que lembra um cracudo) e a Mônica, e eles já iam aceitando, sendo salvos pelo Zé Luis! No final o Zélio é internado e some pra sempre! O Zélio deveria aparecer na Turma da Mônica Jovem, nessa fase de inclusão de "minorias", que o Worney apontou na última edição, está faltando um personagem a favor da legalização da cannabis e que defenda seu uso medicinal! Fica a dica.



Os Quadrinhos Canábicos, publicados em tiras por Daniel Paiva na internet, fazem uma referência ao fato do cabelo do Cebolinha lembrar o das folhas de cannabis, através do personagem Boldinho, um gibi que o Sacy da tira lê (ver mais detalhes no meu livro **Segredos do Sacy Pererê**).

Interessante que no encarte 'Voos n'O Tico-Tico', o Francisco Dourado fala sobre o Lou Franco e seu personagem Nip. Eu mostrei uma HQ dele com o sacy no meu livro, mas eu não tenho a informação da edição nem a data (foi uma xerox que eu ganhei do Coronel Athos Eichler), agora eu sei que foi por volta do final da década de 1930 e início da de 1940 que provavelmente a HQ foi publicada (essa edição não foi digitalizada pela Biblioteca Nacional).

---

---

**ALEX SAMPAIO**  
Salvador – BA

---

---

Acuso o recebimento do **QI 167**. O mesmo foi postado por você em 9 de março e só chegou aqui no dia 5 de abril. Quase um mês depois. Os Correios não estão mais confiáveis. Vejo que a privatização será inevitável.

‘Maria’ continua nos proporcionando um início de leitura agradável com seu humor fino e inteligente. O Henrique é fantástico!

O E. Figueiredo nos proporcionou momentos de grata cultura com o texto ‘Um Livro no Deserto’. De fato sempre aparece alguém com esse tipo de indagação em roda de amigos. Já vi alguém perguntar quem você levaria para uma ilha deserta? O que você levaria para uma ilha deserta? Enfim, são muitas indagações. Por fim, o Figueiredo conclui o texto de forma inusitada, ao afirmar que levaria “caneta e papel para escrever um livro”. Fantástico!

O ‘Fórum’ apareceu enorme e recheado de opiniões. Sempre destaque o Quiof Thurl e o Rod Tigre pelos embasamentos nas pesquisas que acabam por nos proporcionar informações relevantes. Dois colaboradores inteligentes e práticos nos textos curtos e bem estruturados. Enfim, mais um **QI** para ler e guardar. Parabéns!

*Não pude deixar de lembrar de uma tira feita pelo saudoso Cedraz. Diálogo entre Xaxado e Zé Pequeno: “Quem você levaria para uma ilha deserta?” – “Minha professora de História!” – “Nossa, você gosta tanto dela assim?” – “Levava e deixava ela lá, aquela chata!”.*

---

---

**HENRIQUE MAGALHÃES**  
João Pessoa – PB

---

---

Recebi hoje a recente edição do **QI**, postada em 9 de março. Chega a ser um deboche o descompromisso dos Correios, que não sei se é uma política deliberada da empresa para favorecer a privatização ou o boicote dos empregados carteiros, por causa da redução do quadro de funcionários. Do todo o jeito é um abuso a que me sujeito só em último caso.

Acho que devemos, sim, disponibilizar todos os números do **QI**, inclusive essa primeira fase do informativo (anterior ao nº 40).

---

---

**GAZY ANDRAUS**  
yzagandras@gmail.com

---

---

Tendo estado em contato com o Gian Luca, coordenador da fanzinoteca da Itália, enviei para ele nomes de 2 obras em quadrinhos que versam sobre a **Divina Comédia**, porque ele montou a exposição ‘O Giro do Mundo Dantesco em 80 Quadrinhos’ (claro, isso em italiano). E aí eu divulguei para ele **A Divina Comédia** do Piero Bagnariol da Peirópolis e uma revista em quadrinhos antiga, **Divina Comédia**, com sátiras de Xalberto e outros pela editora Press. Alguém também enviou o personagem Dante do Will Sideralman numa revista que referencia o título **A Divina Comédia**. Enfim, ele fez a exposição e agora tem um mapa interativo. Estou enviando o link com a página principal onde vocês têm acesso ao mapa interativo no mundo todo com as obras que ele descobriu e que fazem parte da exposição virtual. Se vocês clicarem nos balões referentes aos países no mapa, vocês descobrem as obras referentes à **Divina Comédia** ou que tenham algo a ver no país no qual está o balão.

<http://www.fanzineitaliane.it/fumetteteca>.



Aqui os meus mais recentes vídeos do **GaZine**.

**GaZine em fanzine “Historieta” de Oscar Kern** – Importante zine histórico com muitas participações de diversos autores e articulista na área do fanzinato e quadrinhos nacionais. Criado por Oscar Kern, de Porto Alegre, RS, debutou na década de 1980, sendo essencial e importante como parte do esteio que publicou HQs de autores amadores e/ou profissionais do Brasil. Na Parte 1, introduzo o **Historieta** e contextualizo-o no histórico do fanzinato. Traço paralelos e menciono o **QI** vez ou outra. Na parte 2, mostro todos os participantes do nº 8, incluindo a Maria do Henrique.

**Gazine**: canal no Youtube sobre fanzines, zines, biograficazines, art-zines, na arte e na educação. Todos os episódios do **Gazine**: <http://tesegazy.blogspot.com/p/gazine.html>.

---

---

**GASPAR ELI SEVERINO**  
Brusque – SC

---

---

O problema dos correios atingiu minha cidade também. O último **QI** que recebi foi o 166. Podes me dizer como está a entrega dos **QIs**? Qual o último que foi enviado aos assinantes? Aqui em Brusque, os correios estão praticamente paralisados. Estabeleceram um horário de uma hora e meia de 2ª a 6ª para retirada de correspondência. Os moradores têm que se dirigir aos correios e fazer a retirada, mas não entregam títica nenhuma, dizem que não têm pessoal para fazer a triagem e têm mais de 400 caixas para serem abertas, e se dane o cidadão que perde o seu tempo indo lá.

---

---

**JOSÉ AUGUSTO PIRES**  
Lisboa – Portugal

---

---

“De volta à lida” ainda não estou por completo! O meu estado de saúde continua em baixa por causa de uma grave anemia de origem desconhecida que me atacou. Mas escapei (até agora) ao Covid. No próximo dia 22 apanho a segunda dose da vacina da Pfizer para ficar imunizado. Mas no dia 23 vou ser submetido a uma operação para substituição da lente que me implantaram no olho esquerdo há quatro anos, e o direito está já necessitando de tratamento urgente. Mas cá vamos andando, aos trancos e barrancos, porque parar é morrer.

Tenho três obras do Caprioli prontas.

---

---

**LIO GUERRA BOCORNY**  
Florianópolis – SC

---

---

O **QI 167** postado em 9 de março demorou três semanas para ser entregue. Li o excelente opúsculo de ponta a ponta, irrepreensível em seu variado conteúdo, ilustrações, textos, cartas e até nos anúncios.

Nota destoante foi a comunicação de que o amigo, professor Abelardo Souza nos deixou. Eu havia estranhado a demora na resposta de meu cartão natalino e imaginava o atraso na entrega dos Correios, mas por nenhum momento passou a ideia de que ele tivesse rumado às estrelas. É o destino de todos nós! O artigo ‘Fuçando à Toa’, quando mencionou Ficção Científica de **Misterinho**, motivou-me a escrever algo a respeito, matéria que envio em apenso.

---

---

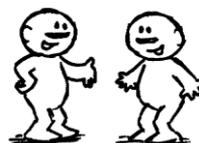
**FÁBIO SALES**  
São Paulo – SP

---

---

Foi entregue hoje o **Poeta Vital**. Muito obrigado. É realmente um trabalho artesanal muito bem feito e é um excelente exemplo de uso de recursos à disposição. Sei que vou me deliciar com o conteúdo, mas já vi que é um registro cronológico. Parabéns!

**MAIS PRA  
FRENTE TEM  
CARDINHO!**





Triste pelo falecimento do leitor/coleccionador deste **QI**, o senhor Abelardo Souza.

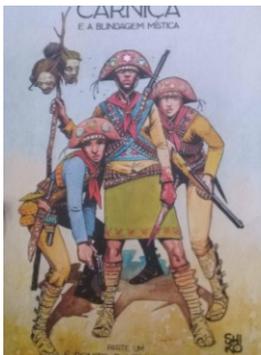
Ainda não vi o encarte digital.

Quanto à Milena, citada pelo Worney, é uma ótima personagem. Lembrando que antigamente existia a revista do Pelezinho, com todo um universo de personagens negros, gostava da revista. O Tex tem um jeito estranho de montar no cavalo! Esse artista Newton F. Coutinho, também nunca tinha ouvido falar.

Edgard, bem que você poderia disponibilizar o **Rolando Duque** no sítio da Marca de Fantasia.

*Eu já fiz as versões digitais de todos os livros que produzi com o selo EGO, desde 2010, "Entendendo a Linguagem das HQs", "Memória dos Fanzines Brasileiros", "Três Centos de Cartuns" e "Rolando Duque". No entanto, com exceção de "Memória", que tem mais texto do que imagem, todos resultaram em arquivos muito grandes. Isso acontece quando o documento é feito somente de imagens, o PDF resulta maior do que o DOC. "Rolando Duque", com 200 páginas de quadrinhos, ficou com 120 Mbytes. Tentei gerar um PDF menor, mas as imagens ficaram ruins, então não compensa. Por esse motivo, não pude colocar esses livros à disposição no Marca de Fantasia. No caso de "Rolando Duque", está todo disponível homeopaticamente entre os "QIs" 75 e 124.*

E a HQ 'Tarzan X Hitler', conhecia? Publicada em 1944 no **Suplemento Juvenil**, com arte de Rex Maxon.



Hoje completei a leitura de **Carniça e a Blindagem Mística**, primeiro de uma série de 3 volumes, trabalho muito bom de pesquisa do Shiko, nos apresenta a história de Jurema (e por conseguinte de sua mãe), arte incrível, edição do finalzinho de 2020.

E se você gostar de Ficção Científica, fantasia, etc., estou (com dois contos) na segunda edição (também estive presente na primeira edição) da **Revista Literatura Fantástica** (somente em e-book).

**FANTASIA**  
**REVISTA LITERATURA FANTÁSTICA VOLUME 2**  
**FICÇÃO ESPECULATIVA**  
**TERROR**  
**GÓTICO**  
**HORROR CÔSMICO**

– 40 AUTORES  
– 50 CONTOS  
– 687 PÁGINAS  
– CERCA DE 310.000 PALAVRAS  
– APENAS R\$ 2,00

Editada e organizada por:  
**JEAN GABRIEL ÁLAMO**

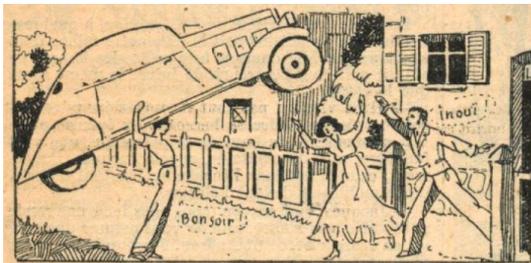
Disponível na  
**amazon.com.br**

E por falar em inspirações.

Hugo Hércules – 1902 – artista William H.D. Koerner (Wilhelm Detlev Körner).

Martial – 1936 – o carro era de papelão na HQ – artista Asy.

Superman – 1938 – artistas Siegel e Shuster.



Agora alguns personagens dos quadrinhos que têm a cabeça de aquário em tom opaco.

Moon Man – Det. Sgt. Stephen Thatcher – 1933 – criado por Frederick Clyde Davis.

White Killer – Mr. Fredericks – 1942 – criado por Bob Farrow e Louis Cazeneuve.

Headless Man – Kenyon – 1946 – criado por Allen Simon.

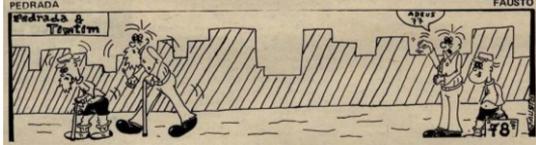
Mysterio – Quentin Beck – 1964 – criado por Stan Lee e Steve Ditko.

Homem Lua – 1965 – criado por Gedeone Malagola.

Ruby Thursday – 1976 – criado por Steve Gerber, Sal Buscema e Jim Mooney.

Terror Branco – 2018 – criado por Lancelott Martins.





Aqui uma postagem que fiz na página HQ Retrô (Facebook, administro tanto o blogue quanto a página): **Jornal de Caxias** (Caxias do Sul, RS). A primeira tira (propaganda) não identifiquei a autoria, ela é de 1974. Segue a lista, período que vai de 1974 até 1979.

Mortófolis – tiras de José Mário Cândido.

Blequinho/O Turista – tiras de Neucyre Venturin.

Lucas/Analfá & Beto – tiras de Renato Medeiros, começou no jornal aos 13 anos em 1975.

Mistrex, o Detetive – tiras de Lays.

Lasanha – tiras de Jorge Alves.

Pedrada – tiras de Fausto.

Juca B. – tiras de Daiton Fonseca.

Tibica – tiras de Renato Canini.

Giba – tiras de Henrique Farias e Paulo Paiva.

O Veterinário – tiras de Primaggio Mantovi.



Nota: as séries acima não foram publicadas todas, todos os dias, mas foram se revezando entre 1974 e 1979. Algumas duraram mais tempo, outras foram substituídas pelo próprio autor.

Depois de muito aguardar, o Correio entregou ontem dois exemplares do **QI**, 166 e 167, fato que me deixou aliviado, dentro do panorama que estamos passando!

Se falta comunicação, sua revista me trouxe, com seus articulistas, a certeza que amigos como Shimamoto, Luiz Antônio Sampaio, Magnago e outros mais, estão bem, com saúde e atentos aos nossos queridos quadrinhos...

Sua quarta capa está excelente e a paisagem calma e tão bem feita manifestada numa paisagem bem detalhada de uma cidade interiorana me fez muito bem e trouxe saudade de um tempo que já não convivo mais em Petrópolis, invadida pelas motocicletas ruidosas, ônibus e carros atravancando as ruas...

No longo artigo de Rod Tigre, que focaliza em determinado trecho a figura do deputado Tenório Cavalcante, figura folclórica da nossa política, me veio à lembrança o apresentador de TV Flávio Cavalcanti, que tinha um programa, **Um Instante Maestro**, em que quebrava discos de cantores de pouca popularidade, ou músicas de gosto duvidoso, fazendo destes fatos um exagerado programa. De certa feita, como era seu hábito, e de maneira sensacionalista, anunciou que iria entrevistar “o homem da capa preta” em sua “suposta fortaleza” em Caxias! Depois de diversas chamadas pela TV, Flávio e sua equipe foram recebidos por Tenório em sua casa. Flávio, com o seu modo espalhafatoso, mostrou as dependências da casa, chegando até uma grande piscina onde o deputado e o apresentador fariam a aguardada entrevista. O apresentador, a certa altura, inquiriu de forma pouco educada certa parte da vida do entrevistado. Tenório, levantando da cadeira em que estava, de pé, deu a entrevista por terminada. O apresentador, assustado, recou e, de traje a rigor, caiu estrepitosamente dentro da piscina! O fato correu a cidade do Rio de Janeiro de forma tragicômica para o assustado apresentador e foi assunto para jornais e muitas piadas.

Voltando à coluna do Rod Tigre, justa sua homenagem aos dois grandes desenhistas, Gelatti e Rubens Cordeiro, que infelizmente nos deixaram!...

O fato abordado por Quiof Thrul, sobre ilustradores americanos que usam sua inventiva transformando objetos comuns em peças de ficção científica, não é nenhuma novidade. Alex Raymond, na sua magnífica criação ‘Flash Gordon’, de certa feita, numa reportagem da revista **Post** ou **Colliers**, contou que usava os vidros de perfume de sua esposa para criar as cidades de Mongo e, da mesma forma, transformava em foguetes interplanetários e armas de raios ou canhões atômicos, usando os utensílios com os quais produzia seus desenhos... Nada se cria ou tudo se copia, como bem dizia o saudoso Chacrinha...

No mais, muito apreciei as ‘Séries Obscuras’ d’**O Tico-Tico** e os inesquecíveis almanaques da Vida Doméstica, que tantas alegrias nos proporcionaram no passado!

Até outra oportunidade com votos de saúde, muito álcool e máscara.

**LIO GUERRA BOCORNY**  
Florianópolis – SC

Estou te enviando meu último trabalho, **Em Busca de Nossos Avós**, embora seja ele de cunho genealógico de minha família paterna.

A primeira parte é de interesse geral por ser um histórico introdutivo do tema. A segunda parte é de interesse de pessoa que deseja pesquisar sobre seus antepassados, trazendo alguma orientação de como buscar subsídios.

Já a terceira e quarta partes se tornam enfadonhas para um não parente direto ou indireto.

Para o distinto amigo, talvez acredite interessante a contracapa do livro pois me baseei em tuas interessantes capas do **QI**, que sempre apresenta uma surpresa ao leitor.

Se procurar com calma, encontrarás Guimarães e também Faria, pois é igual a Farias, pois ambos têm suas origens no monte da Franqueira, onde se vê as ruínas do castelo defendido por Gonçalo Nunes de Faria.

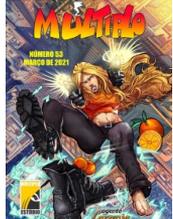
# EDIÇÕES INDEPENDENTES

## QUADRINHOS

**AAAHRTE!!!** \* galeria de zines e acontecimentos criativos, HQs de João da Silva, Diego Gomes, e Manoel Dama \* nº 24 \* abr/2021 \* 63 pág. \* arquivo em pdf via email \* **Wagner Teixeira** – nyhyw@yahoo.com.br.

**ALMANAQUE SACARROLHA** \* comemoração de 40 Anos do palhaço Sacarrolha, de Primaggio, traz facsímile da revista nº 1 da RGE e cards \* 2012 \* 68 pág. \* 205x275mm \* color. \* R\$ 35,00 \* **Primaggio Mantovi** – primaggio@gmail.com.

**CALAFRIO** \* HQs de Shimamoto, Sidemar e Ivan Lima, Rubens Lima, Rodrigo Ramos e Marcel Bartholo, Luiz Saidenberg, textos sobre Lobisomem \* nº 70 \* mar/2021 \* 52 pág. \* 200x280mm \* capa color. \* R\$ 22,00 \* **Daniel Saks** – R. Ademar de Barros, 1000/61 – Indaiatuba – SP – 13330-130 – revistaacalafrio@gmail.com.



**O DINOSSAURO JUVENIL** \* HQs de Hopalong Cassidy, Tocha Humana, Wanda, Capitão Marvel, Bill Dinamite, Mysteria, e Luluzinha \* nº 5 \* mar/2021 \* 60 pág. \* 180x260mm \* **José Salles** – C.P. 95 – Jaú – SP – 17201-970.

**INFELIZ NATAL** \* ilustrações e HQ de Marcelo Dolabella \* nº 1 \* mar/2021 \* 8 pág. \* A6 \* **Marcelo Dolabella** – C.P. 605 – Belo Horizonte – MG – 30161-970.

**MÚLTIPLO** \* HQs de Sandro Marcelo e Glauco Grayn, Zeck, Shimamoto, e Airtton Marcelino, ilustrações, etc. \* nº 53 \* mar/2021 \* 52 pág. \* A5 \* color. \* edição digital \* **André Carim de Oliveira** – andreacarim@outlook.com.



# MANTENDO CONTATO



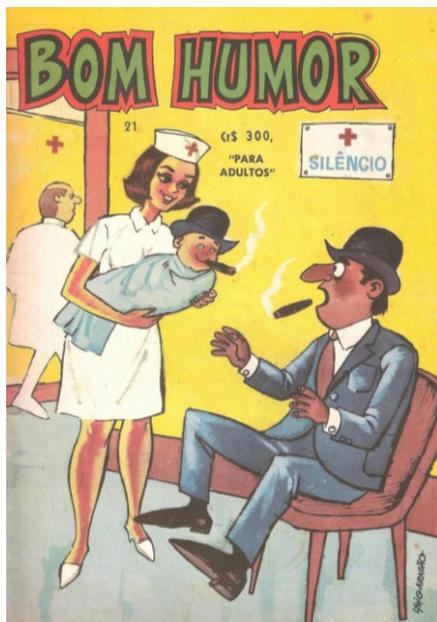
ESPAÇO DE PALPITOLOGIA DE WORNEY ALMEIDA DE SOUZA (WAZ)

## LYRIO ARAGÃO: IMAGINAÇÃO E PRODUÇÃO DE PIADAS

Continuando a pesquisa sobre o trabalho do Mestre do Quadrinho Nacional Lyrio Aragão, localizamos dezenas de piadas (cartuns) para revistas de piadas, especialmente para a editora Jotaesse, de José Sidekerskis. Muito produtivo, Aragão fazia HQs de terror, piadas, capas, tiras do personagem ‘Teobaldo, o Detetive Biruta’ e ainda trabalhava em uma agência de publicidade.

Na segunda metade dos anos 1960, as revistas de piadas vendiam muito e todas as editoras pequenas paulistanas e cariocas publicavam revistas desse tipo. Os argumentos eram variados, mas de uma maneira geral brincavam com o assédio sobre a mulher, relações no casamento, bêbados e a vida cotidiana. Ao que parece, as editoras compravam páginas fechadas dos autores, assim eles podiam fazer o que achassem de mais engraçado. Não havia censura ou alguma orientação, quem mais produzisse, mais publicava. Lyrio Aragão criou dezenas de páginas para as revistas: **Só...Risos**, **Anedota para Todos**, **Bom Humor** e **Humorama**.

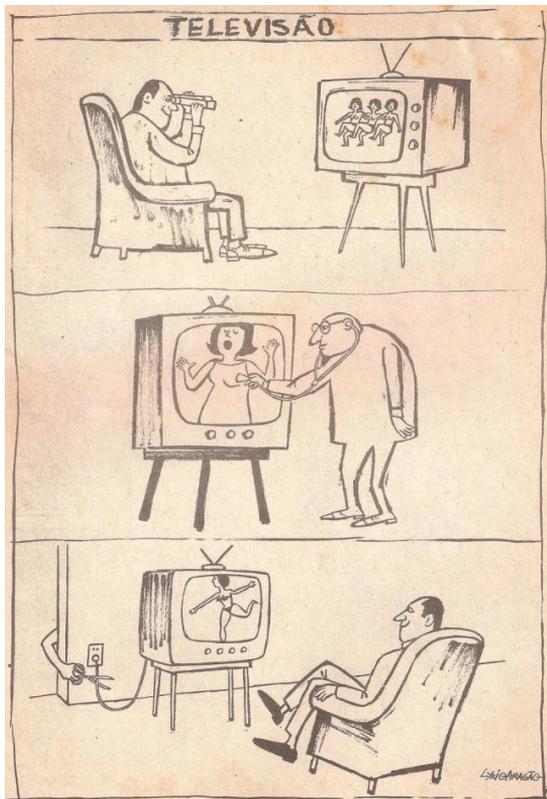
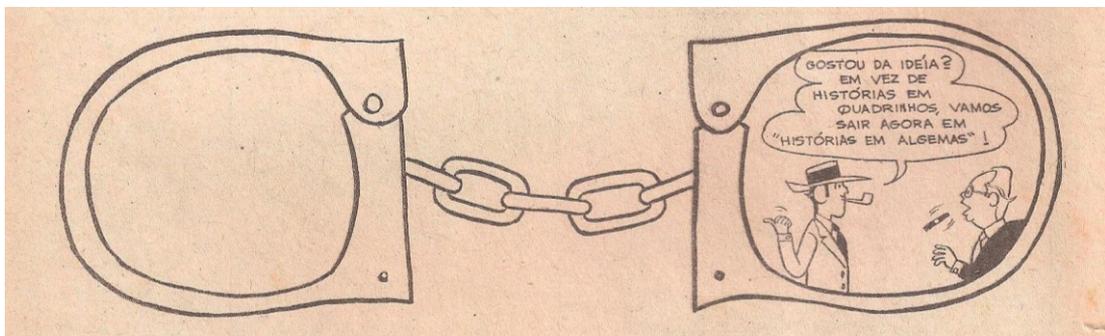
As revistas de piadas também eram muito populares nos anos 1950, mas publicavam material de agências americanas, que era comprado pelas editoras das agências de notícias em bromuro, uma espécie de fotolito de uma revista inteira: capas, quadrinhos, textos, curiosidades, piadas e até anúncios, que as editoras nacionais usavam de modo aleatório, misturando materiais, autores e estilos, só pensando em fechar todas as páginas de uma determinada revista. De maneira geral, as páginas entregues pelos autores para a editora tinham quatro piadas (cartuns), algumas poucas tinham cinco e eram publicadas nas edições misturadas com vários autores. O padrão das revistas era de 36 páginas, tamanho 17,5x26,5cm, capa e contracapa coloridas e miolo em preto e branco. A quase totalidade das revistas impressas nos anos 1960 e 1970 seguia essa métrica. Era o tamanho ideal para imprimir várias revistas ao mesmo tempo nas rotativas que as editoras da época dispunham. Lembrando que as editoras, pelo menos as paulistanas, se formavam em torno de uma gráfica que tinha uma rotativa para imprimir em papel jornal.



Lyrio Aragão era um imaginativo e curioso autor que explorava os temas usuais para as piadas, mas sempre trabalhava com motivos e desenhos variados e com um uso frequente de metalinguagem. E era muito produtivo, tanto que algumas vezes ocupava a maior parte das revistas. Como, por exemplo, a revista **Anedotas para Todos** nº 34: Lyrio publicou 16 páginas e os outros autores ficaram com 13.

Publicamos alguns desses trabalhos que ainda são engraçados e demonstram a imaginação e a arte de Lyrio Aragão, além da capa da revista **Bom Humor** nº 21 (editora Jotaesse).

### WORNEY ALMEIDA DE SOUZA (WAZ)



# AHN!...

E. Figueiredo

Ao longe vê-se a montanha, com pequenas perfurações escuras, rodeadas de relvas e arbustos. Vê-se também algumas árvores. Bem alto, sobre a montanha, alguns pássaros voam. São enormes pteranodontes voltando da expedição junto ao lago em busca de peixes; pousam no ápice da montanha e devoram suas presas. Atrás da montanha avista-se o pico de um vulcão fumegante. A fumaça é a única mancha que destoa do céu limpo, sem nuvens. O Sol escaldante faz o dia quente. O ar está parado e sufocante, tornando o calor mais intenso.



Quando próximo da montanha, as pequenas fendas revelam-se maiores e são entradas de cavernas usadas para moradias. Defronte de uma delas situadas ao sopé, criaturas de aparência selvagem estão sentadas, como estátuas de bronze, entre os tufos verdes dos arbustos e um pequeno fogo, resto de raio, talvez. Têm pouco mais de 1,50m de altura, braços e pernas curtas e grossas, mãos e pés pequenos e largos; pescoço também curto; mas o rosto é longo, com nariz saliente, o queixo inclinado para trás e a testa com uma protuberância acentuada que se ressalta sobre os olhos. A cabeça é proporcional ao corpo e este é todo coberto de pelos curtos. Seus vizinhos são animais, nem sempre pacíficos, pastando e vagueando lenta e despreocupadamente sobre extensas planícies cobertas de grama – brontossauros, mamutes, mastodontes e tiranossauros e alguns voadores como pterodáctilos e pteranodontes.

Esta caverna está diferenciada das outras por dois motivos: por lembrar a entrada de uma cripta, não tem a caveira sobre um pau fincado no chão, como as outras, e veem-se dois montes de ossos, provavelmente de animais, em forma de pequenas pirâmides, de cada lado da entrada. Sua frente está limpa, não há detritos e imundices, ao contrário das demais.

Doze indivíduos compõem o grupo e são chefes da tribo. Estão calados, mas entreolham-se e, vez por outra, dirigem o olhar para a caverna próxima. Há satisfação no semblante de cada um e expectativa de um prazer incontido, sem perderem o aspecto sisudo de responsabilidade. A passagem próxima de dois dinossauros não é atendida, apesar do desconumal tamanho. Entroncados e de pernas curtas, são tão grandes como dez cavalos, com um escudo ósseo situado por cima de um horroroso bico recurvado, donde emergem dois longos chifres. Os répteis também não sentem a presença do grupo. As criaturas, impassíveis pelo que ocorre em sua volta, balançam o corpo, para frente e para trás, cadenciadamente. Parecem estar impacientes.

– Ahn!...

O som gutural saído da caverna passou despercebido para os pássaros e animais, mas não para os membros da tribo, que fazem parte do grupo reunido defronte à caverna. Pararam de balançar e, como dirigidos por uma força invisível, viram-se e olham para a entrada da gruta, sérios e atentos. Passados alguns segundos, põem-se a dar risinhos maliciosos, pequenos grunhidos e pulinhos antropomórfos, demonstrando estarem cientes do que ocorre em seu interior. Dão ares de aprovação, movimentando a cabeça, e ensaiam uma dança em volta do fogo, mas preferem continuar com a atenção voltada para a gruta. Alguns têm as mãos, em forma de concha, junto às orelhas tentando ouvir melhor.

– Ahn!...

O som repetido fez com que os chefes se mostrassem satisfeitos e caminhassem em fila indiana, afastando-se do local, em direção à mata mais espessa, embrenhando-se nela. Uns três ou quatro ainda arriscaram olhar para trás, quem sabe, imaginando a cena dentro da caverna.

A reunião dos chefes havia despertado a curiosidade de outros elementos da tribo, que de longe tudo observam, enquanto fabricam fênixes e instrumentos de pedra. Não se veem fêmeas nem filhotes, porque elas devem estar nos afazeres domésticos, e os filhotes brincando. Quando o último chefe adentrou a mata cerrada, os curiosos acorreram ao local e procuram, junto ao fogo, que está extinto, algo que possa revelar do que se tratava. Encontram apenas algumas ferramentas de osso e de pedra lascada. Intrigam-se e nada entendem.

– Ahn!...

O som parece esclarecedor. Entreolham-se e dirigem o olhar para a caverna de onde partira o som gutural. As pirâmides, ainda em pé, confirmam. Sorriem maliciosamente e se afastam. No caminho vão encontrando outros indivíduos da espécie, a quem, com gesticulações apontadas para a gruta, provavelmente, explicam o que está ocorrendo e todos demonstram alegria contagiante. E assim a notícia é levada a toda a tribo.

– Ahn!...

O som continua a emanar da abertura da cavidade da montanha, agora mais frequente e acompanhado de gemidos:

– Ahn!... Ai!... Ai!... Ahn!... Ai!...

O som plangente foi diminuído até fazer-se silêncio. Já faz algumas horas que nada se ouve. Já não se vê mais o Sol, escondido atrás da montanha, mas o dia mantém-se bastante claro e o calor mais ameno. Os dinossauros, que durante o dia haviam permanecido junto às árvores, para se protegerem dos raios solares, agora perambulam pela relva e riachos. Há algumas nuvens e começa a soprar uma brisa reconfortante. O fogo foi atijado e suas chamas estão altas, crepitando.

Primeiro chegam as fêmeas e filhotes, com frutas silvestres, que são depositadas no chão, um pouco afastado do fogo, e sentam-se formando um grande círculo, próximo da caverna onde se encontram as pirâmides de ossos. Depois chegam os homens, alguns carregando animais mortos, varados pelos bastões pontiagudos que, igualmente, depositam no chão, próximo ao fogo que arde, e se sentam em círculo dentro do primeiro, formado pelas fêmeas. Nacos grandes de carne são colocados sobre o fogo e um cheiro característico invade o ambiente, acompanhado de fumaça que faz lacrimejar os olhos. Murmura-se...

Retornando da floresta, chegam os chefes em fila indiana. O murmúrio cessa. Atravessam os dois círculos, dirigem-se ao centro onde está a fogueira e sentam-se bem próximos ao fogo, formando mais um círculo, porém bem menor. Os integrantes dos outros círculos aguardam algo e têm os olhares fixos nos chefes. Estes estão olhando para a entrada da caverna, onde foram colocados archotes, um pouco acima das pequenas pirâmides, prevendo o anoitecer. Ao sinal de um deles, todos, com exceção dos chefes, começam a bater palmas ritmicamente.

Um dos chefes é mais corpulento e tem aparência de autoritário, num rosto vivo e inteligente, com seus olhos pequenos e brilhantes aninhados sob a testa abaulada e os tufos de cabelos, sobre os ombros, emaranhados nos pelos do corpo. De repente ele se levanta e ergue o braço direito com a mão aberta e, imediatamente, as palmas cessam e durante algum tempo ninguém se move ou faz qualquer ruído. O silêncio permite ouvir os estalidos dos ramos secos que ardem. O cheiro da carne queimada aumenta e a fumaça envolve os selvagens. Os filhotes, alheios ao que ocorre, correm e brincam entre os círculos, sob os olhares severos dos mais velhos.

Não é comum uma reunião como essa. Normalmente, cada animal grande capturado servia de pretexto para longos festejos entre o grupo das famílias da tribo. Acendendo uma fogueira, dos archotes que são sempre conservados acesos na comunidade, todos costumam se reunir no local, onde haviam matado a caça, assam e comem. Comem até se saciarem e levam os restos para as suas cavernas. A espécie de animais que caçam varia à proporção que o tempo muda. Quando o clima é quente, caçam animais que andam pelos arredores; quando o clima é gelado, e as florestas se transformam em planícies áridas, sem vegetação verde, os homens caçam animais amantes do frio, que vêm de outras regiões, enquanto aqueles, do próprio território, debandam para lugares quentes.

O chefe permanece com o braço levantado e fica nessa posição por algum tempo. Gira sobre os pés, correndo os olhos à sua volta, olhando por cima das cabeças dos tribais e para quando se vê, novamente, frente a frente com a entrada da caverna. Bruscadamente, abaixa o braço. Incontinenti, todos se põem em pé e retomam as palmas, primeiro pausadamente, em seguida freneticamente, todos a olhar para a entrada da gruta. As palmas assustam os pteranodontes sobre as árvores, que voam para o cume da montanha. Os mastodontes desembestam pelos caminhos.

As palmas recrudescem, diminuindo até cessarem por completo. Ao sinal de um dos chefes, todos se sentam, menos eles. Os olhares ainda convergem para a entrada da caverna. Alguma coisa começa a surgir do seu interior em penumbra, e a iluminação contra os olhos não permite que se vislumbre o que é. Aos poucos, o que seja, vai se aproximando da saída da caverna e a imagem vai ficando nítida. Percebe-se a silhueta de uma pessoa. Uma ovação incontida se segue, com os tribais colocando-se instintivamente de pé e os braços acenando para o alto. Já se distingue a coisa!

O que se vê, agora nitidamente, é um jovem nu, com a mão direita erguida segurando um malho, feito de galho de árvore e pedra atados por cipó; a mão esquerda arrasta uma mulher, também jovem, puxada pelos cabelos. Quando saem totalmente da caverna, a mulher põe-se em pé. Ela distingue-se através das belas linhas formadas pelo contorno entre o queixo e o pescoço e a perfeita triangulação do rosto. Seus cabelos, pretos e duros, estão desalinados. Os seios são pequenos e têm bicos grandes e rosados, combinando com todo o corpo, que apesar de pálido e abatido, está cheio de vitalidade. Não há pelos. Sua pele possui aquela beleza ousada e conservada pelo bronzeamento escaldante da região. Seus olhos brilham de prazer. A beleza masculina do jovem acompanha a da parceira. Tem também a pele queimada, pelos escassos e um corpo olímpico. O casal em nada lembra os habitantes da região.

A bela jovem coloca o braço direito nas costas do rapaz, na altura da cintura e levanta o braço esquerdo e ele faz o mesmo na cintura dela com o braço esquerdo.

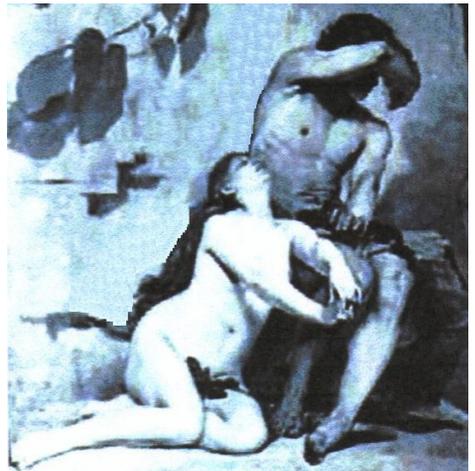
Assim abraçados dirigem-se à pirâmide do lado do rapaz e este, com o pé, derruba-a, desmanchando-a toda. Em seguida, chegam à outra e a moça faz o mesmo. A ovação aumenta. O barulho é ensurdecedor e, repentinamente, cessa.

O rapaz e a moça, de mãos dadas, se afastam da gruta em direção ao grupo de chefes, caminhando entre os tribais, parando no centro do círculo menor e deitam-se no chão, lado a lado, sobre um tapete de folhas de vegetação seca. Os doze chefes procuram fechar o círculo, deixando-o sem espaço entre um e outro, encostando-se ombro a ombro, e debruçam sobre o casal, formando uma caverna. Ninguém, dos demais círculos, consegue ver o casal. Retornam os sons guturais:

– Ahn!... Ai!... Ai!... Ahn!... Ai!...

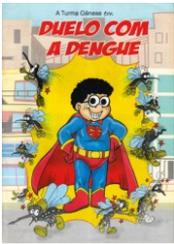
ADÃO e EVA estão casados...

Os primatas, comandados pelos chefes, colocam pedras na entrada da gruta e fecham a porta do ÉDEN...



# QUADRINHOS INSTITUCIONAIS

Paulo Joubert Alves enviou a revista em quadrinhos **Duelo com a Dengue**, com desenhos de Salatiel de Holanda, produzida pela Prefeitura de Lupércio; o folheto ilustrado **Fique Sabendo Tuberculose** da Prefeitura de Itapetininga; as cartilhas ilustradas **Orientações Básicas para o Atendimento Telefônico** e **Ponto Verde – A Coleta Seletiva Ponto a Ponto** da Prefeitura de Belo Horizonte; os folhetos ilustrados **Quem me Libertará?** e **Mais Tarde Não Haverá Ajustes** da All Nations Gospel Publishers; e reportagem ilustrada do jornal **Super Notícia**.



**Lançamento**

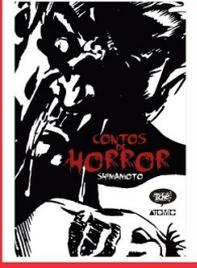


**Peryc 04**  
**Dezembro/2020**  
 Revista com HQs de meu personagem Peryc, O Mercenário.

São 32 pág, off-set, capa colorida e formato A5. R\$ 10,00 + frete

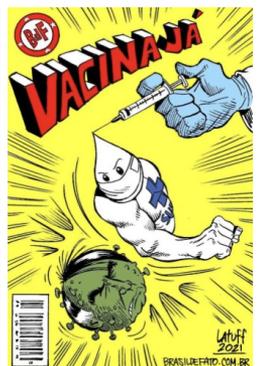
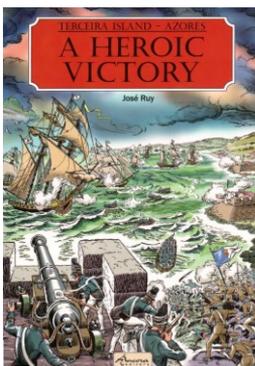
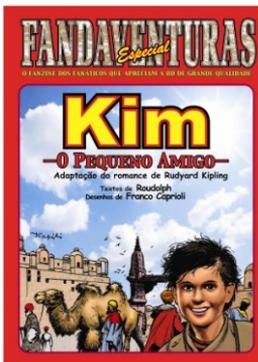
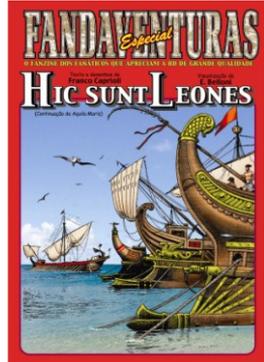
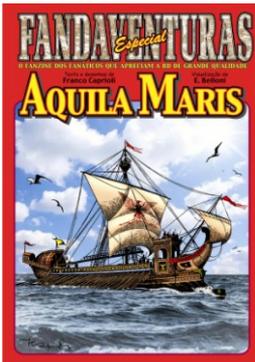


**Lançamento**



**Contos de Horror**  
**Outubro/2020**  
 Álbum coletânea de HQs de terror do mestre Shimamoto.

São 70 pág, off-set, capa colorida e formato 15x23. R\$ 20,00 + frete

Acima, divulgação de dois lançamentos de Denilson Rosa dos Reis, **Peryc, O Mercenário** e **Contos de Horror**, de Shimamoto.

Logo acima, capas de quatro álbuns com trabalhos do Mestre italiano Franco Caprioli a serem lançados por José Augusto Pires.

Ao lado, à esquerda, capa do álbum **O Heroísmo de uma Vitória**, de José Ruy, em versão em inglês, também publicado pela Editora Âncora.

Ao lado, à direita, cartum de Latuff, enviado por Anita Costa Prado.

# FÓQUIBÉRI

O Luiz Antônio Sampaio me enviou uma cópia de uma página de roteiro de 'The Phantom' escrita por Lee Falk e a correspondente página desenhada por Sy Barry (e seus assistentes). Trata-se da página dominical de 14 de julho de 1985. E Sampaio acrescenta os comentários: "Curioso ver a forma simples de Falk na elaboração dos roteiros. E o perfeito "ajuste" entre ele e Barry. Percebe-se que Falk não era muito cuidadoso ao escrever, pois precisou de muitas correções."

Em cima dessa página e com a ajuda das observações de Sampaio, vou fazer alguns comentários.

Lee Falk, todas as biografias e entrevistas suas atestam, pretendia em sua juventude ser dramaturgo. As circunstâncias o levaram a criar dois dos principais personagens das Histórias em Quadrinhos norte-americanas para jornais, Mandrake em 1934 e The Phantom em 1936, e a escrever seus roteiros durante décadas, até praticamente sua morte em 1999. Mas Falk não abandonou seu objetivo inicial, durante os mais de 60 anos em que escreveu suas duas séries de quadrinhos, também escreveu mais de uma dezena de peças de teatro, além de produzir e dirigir centenas de montagens.

Embora com tanta dedicação assim ao teatro, aparentemente Falk não negligenciou sua atividade como roteirista de quadrinhos, que devia ser sua principal fonte de renda. Mas, pelo que se vê, era extremamente prático na redação dos roteiros. Com a ideia da página (ou tira) na cabeça, já ia datilografando tudo, sem rascunho prévio, do jeito que enviaria ao desenhista. Antes, porém, fazia a revisão e corrigia na própria folha, manualmente. Se, por um lado, o roteiro parece meio desleixado, por outro lado, seu roteiro era bem completo, continha todos os dados para o desenhista. Especificava cada quadrinho com descrição da cena, os diálogos dos balões e, quando havia, os textos das legendas. Nisso, não economizava tempo. Não era como o outro Lee, que fazia um plot de meia página para uma história de 20 páginas, nem sempre escrevendo, muitas vezes simplesmente falando para o desenhista, e este que se virava desenvolvendo a história e, de fato, quadrinizando.

Como se observa pelos dois exemplos abaixo, Sy Barry seguia à risca, tanto quanto possível, o roteiro de Falk. Todos os balões de diálogos eram colocados exatamente como Falk os havia escrito. Nos desenhos, no entanto, Barry fazia algumas modificações, de acordo com o que achava necessário. No primeiro quadro abaixo, Falk descreve a cena com os pigmegos ao fundo, junto ao castelo, mas Barry achou melhor colocá-los em primeiro plano. Talvez ficassem muito pequenos (sem piada) ao fundo. No segundo quadro, Falk descreve a cena com os filhos do Fantasma dentro do carro, no banco de trás e no colo das enfermeiras. No desenho, Barry não encontrou espaço para desenhar as enfermeiras.

Isso leva a uma constatação. Em 1985, após cerca de 50 anos escrevendo roteiros para quadrinhos, Falk ainda não tinha uma ideia boa de como ficaria uma cena desenhada. Assim, descrevia cenas com mais detalhes do que caberia em um quadrinho. Também é preciso levar em conta que, em 1985, o espaço para as páginas e tiras nos jornais era bem menor do que no início de carreira de Falk em 1934. No primeiro quadro praticamente não se vê o castelo e o segundo quadro mostra bem como os balões estão sobrecarregando o visual.

Mas é bom ver que Lee Falk não abandonou suas criações, não delegou a tarefa a ghosts e não desistiu de fazer os roteiros mesmo quando o veículo dos jornais não era mais apropriado às séries de aventuras com traço realista.

## HERNEISEN

2. SCENE: PHANTOM RIDING ON HERO ALONGSIE DIANA AS SHE DRIVES..

DIANA: WE HAD NO CHANCE TO DO LAUNDRY OR GIVE THE CHILDREN BATHS..BECAUSE OF THE FIRE.

PHANTOM: WE'LL CAMP AT THE HOT SPRINGS TONIGHT. DO IT ALL THERE.

KIT: CAMPING. OH BOY!

HELOISE: OH BOY!

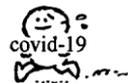
1. SCENE: PHANTOM ON HERO. DEVIL AT HIS SIDE. <sup>DRIVE</sup> DRIVING REX AT HER SIDE WITH RIFLE. KIDS SITTING ON LAPS ON NURSES IN BACK SEAT. THEY ARE WAVING ~~HER~~ GOODBYE TO THE PYGMIES WHO STAND IN BACKGROUND BY THE DAMAGED CASTLE IN THE AIR.

ALL: GOODBYE..GOODBYE...

DIANA: OH..POOR CASTLE IN THE AIR...



# DESMASCARADOS



Sem querer menosprezar a gravidade da pandemia de covid-19, com a tragédia diária e persistente de milhares e milhares de mortes, além do desastre nas áreas social e econômica, vou tratar de um efeito colateral que diz respeito a todos que na infância se deliciaram com as aventuras de centenas de heróis mascarados. Entre tantas liberdades propostas pelos criadores das histórias, como o revólver que não precisa recarregar, a cavalaria que chega na hora, os cavalos e cachorros mais espertos que os bandidos, nós, com toda a boa vontade, aceitávamos que o herói que colocasse uma máscara no rosto não seria reconhecido por ninguém, mantendo sua identidade secreta para, com toda a tranquilidade, combater a vilania.

Ora, por conta da pandemia, todos nós, com alguma consciência, nos obrigamos a colocar máscaras para protegermos, a nós e aos outros, do contágio do vírus e consequente disseminação da doença. Assim, as ruas e ambientes públicos foram tomados por uma multidão de mascarados e, pela lógica aprendida na infância, todos com suas identidades preservadas. Qual não é minha surpresa ao constatar que, andando pelas ruas, todos, que me conhecem, me reconhecem, me cumprimentam me tratando pelo nome. Não há dúvida, todos esses sabem quem eu sou debaixo da máscara.

Mas, então... QUE ENGANAÇÃO!!! Todos esses heróis (e também bandidos) que colocavam uma máscara na cara crentes que estavam com a identidade protegida... não estavam. Todo mundo sabia quem eles eram, mas não falavam nada. E os coitados pagando esse mico. Aposto que, eles virando as costas depois do dever cumprido, a turma caía na risada! – “Olha lá o fulano com aquele paninho na cara!!!” – E o sicrano, vai dar a volta e entrar em casa pelos fundos, como se a gente não soubesse onde ele mora!!! – SACANAGEM!!!

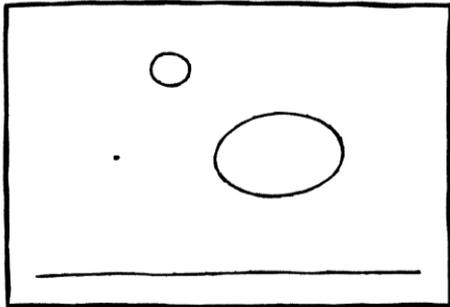
Agora é só esperar a próxima pandemia, que, segundo a Organização Mundial de Saúde, vai atacar os olhos (“podendo levar à cegueira e até ao óbito!”) e nós sermos obrigados a usar máscaras nos olhos para protegermos, a nós e aos outros, do contágio do vírus e consequente disseminação da doença. Ai vamos constatar que esse outro tipo de herói, que usa máscara (alguns, umas tripinhas) nos olhos, para não ser reconhecido por ninguém, mantendo sua identidade secreta para, com toda a tranquilidade, combater a vilania... TAMBÉM ESTÃO PAGANDO MICO!!!

E nós, leitores e espectadores, na maior boa fé, fomos enrolados também.

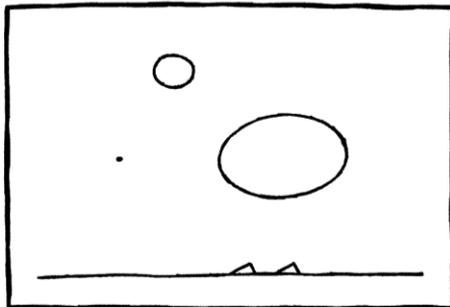


## OS PESCADORES E O BANDIDO

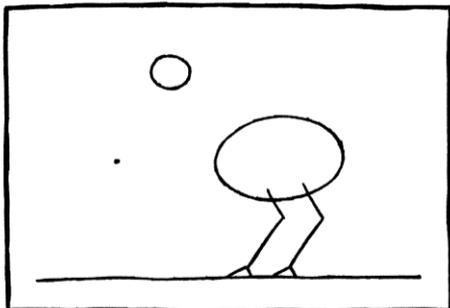
Entre 2008 e 2011, organizei, juntamente com minha mãe, Isa de Faria Guimarães, e com a ajuda da Academia Brazopolense de Letras e História, um livro sobre os Escritores de Brazópolis. O resultado foi um livro de quase 900 páginas onde o cerne foi o conjunto de biografias das pessoas que dedicaram parte da vida à Escrita, tendo alguma relação com a cidade de Brazópolis, ou por serem naturais daqui, ou por terem aqui vividos, ou mesmo por terem alguma afinidade com a ambiente cultural aqui reinante. Mas, embora o termo “escrita” tenha predominado, inclusive no título do livro, **Escritores de Brazópolis**, meu foco foi a “palavra”, ou seja, algo bem mais amplo. Assim, pretendi biografar não apenas poetas, contistas, cronistas, aqueles que de fato escrevem, mas também os que falam, os cantores, os oradores e, por que não, os contadores de casos. Nesse particular, não precisei procurar, tive um dentro de casa. Meu pai, Jarbas Guimarães Netto, sempre se destacou entre familiares e amigos, e na sociedade em geral, como um contador de casos (e também de piadas). Tinha talento para o ofício e, onde estava, as pessoas se reuniam à sua volta para ouvir suas histórias. No entanto, esses produtores de literatura oral têm essa desvantagem, a dificuldade de se registrar suas produções. Meu pai nunca teve qualquer intenção de escrever os casos que contava. Eventualmente algum amigo escreveu alguma crônica reproduzindo algum caso contado por ele. E o problema apareceu pois, no livro, junto com as biografias dos autores, achei indispensável colocar também amostras de seus trabalhos. Para o caso de meu pai, como não havia nada escrito por ele, a primeira opção foi colocar a tal crônica, escrita por outra pessoa, lembrando um dos casos contados por meu pai. Mas depois, pensando melhor, achei mais interessante colocar uma história que ele contava para mim quando eu era criança. Era uma história bem peculiar, ela era contada enquanto um desenho ia se formando. Ou seja, uma história oral acompanhada por um desenho que era feito enquanto a história era narrada. Para a publicação no livro, junto à biografia de meu pai, eu produzi a história em quadrinhos a seguir, colocando em vários quadros as várias fases do desenho e nas legendas a narração da história.



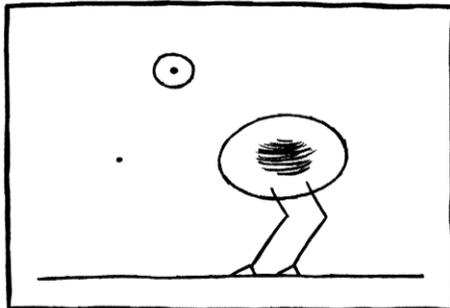
*Havia, perto de uma estrada, um lago e uma casa, onde morava um bandido.*



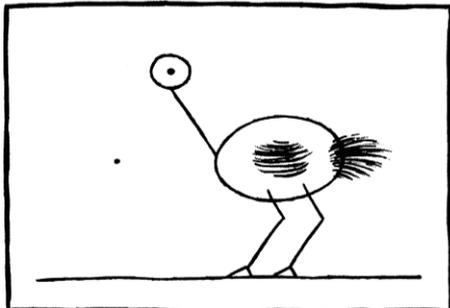
*Dois pescadores, passando pela estrada, viram o lago e resolveram pescar.*



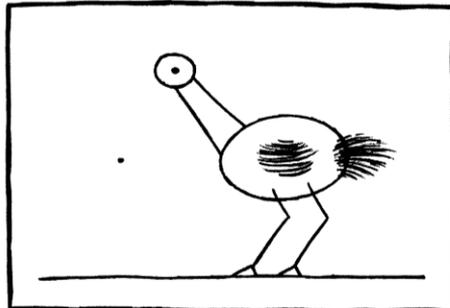
*Lançaram suas varas de pesca e logo pegaram um peixe muito grande.*



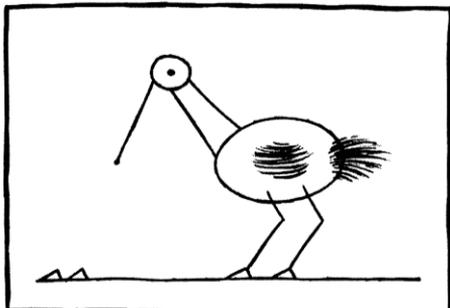
*O peixe agitou tanto as águas que o bandido saiu na janela para ver o que acontecia.*



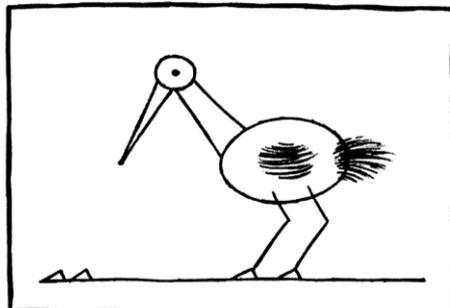
*Correu até a beira do lago e viu que a agitação do peixe estava fazendo as águas vazarem para fora.*



*O bandido ameaçou os pescadores e correu de volta até a casa para pegar sua espingarda.*



*Os pescadores fugiram, mas o bandido, da janela da casa, atirou neles.*



*Por sorte, a bala bateu numa pedra, voltou e matou o bandido, livrando a região do mafieiro.*